



O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial

O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial

The redemptive detective as the ultimate humanist: new post-apocalyptic and postmodern configurations for the detective novel

Leonardo Nahoum Pache de Faria ¹
Universidade Federal Fluminense
E-mail: leonahoum@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa a trilogia *The Last Policeman*, de Ben H. Winters, e o romance *Marooned in Realtime* (1986), de Vernor Vinge. Nessas obras, a fusão entre ficção científica e narrativa policial resgata o *detetive de enigma* clássico, contrapondo-se a versões mais pós-modernas, como o *detetive metafísico* de Michael Holquist ou o *ontológico* de Elana Gomel. Aqui, o detetive vai além de ser um representante da Razão/Técnica, tornando-se símbolo da própria Humanidade e seus valores. Em cenários apocalípticos, os protagonistas enfrentam o teste moral definitivo. Em *The Last Policeman*, Henry Palace tenta manter padrões éticos enquanto o mundo desmorona nos dias finais. Em *Marooned in Realtime*, Wil Brierson investiga crimes em uma era pós-humanidade, onde o tempo geológico elimina calendários e História. Para ambos, a investigação e a resolução de crimes são formas de preservar a essência humana. Elas evitam tanto a regressão à barbárie quanto uma evolução que equivale à extinção. O artigo propõe, com base nesses textos, uma nova figura de investigador: o *detetive redentor*, cuja busca pela verdade reafirma a Humanidade em meio ao caos ou ao esquecimento, funcionando como uma ponte entre valores humanos e a persistência do crime.

Palavras-chave: Literatura de massa, Pós-modernidade, Detetive redentor.

Abstract: This article analyzes *The Last Policeman* trilogy by Ben H. Winters and Vernor Vinge's novel *Marooned in Realtime* (1986). These works merge science fiction and detective genres to revive the classic *puzzle detective*, contrasting with modern reconfigurations like Michael Holquist's *metaphysical detective* or Elana Gomel's *ontological detective*. In this context, the detective transcends being a mere herald of Reason/Technique to symbolize Humanity itself and its values. Set in apocalyptic scenarios, the stories test the protagonists' moral standards. In *The Last Policeman*, Henry Palace upholds ethics as the world crumbles in its final days. In *Marooned in Realtime*, Wil Brierson investigates crimes in a post-human era where geological time has erased calendars and human History. For both authors, solving crimes serves to preserve humanity's essence, averting regression into barbarism or an evolutionary leap equating to extinction. The act of investigation reaffirms human values amid chaos or oblivion. This article proposes a new investigator archetype: the *redeemer detective*, whose pursuit of truth bridges the collapse of social order and the persistence of morality, offering a means to sustain Humanity against the erosion of time and ethics.

Keywords: Mass literature, Post-modernism, Redeemer detective

¹ Pós-doutorando de Literatura Comparada do programa de pós-graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF).

1. A trilogia *The Last Policeman: bucket lists, asteroides e um detetive redentor chamado Henry Palace*

Elana Gomel, em seu artigo “Mystery, Apocalypse and Utopia: The Case of the Ontological Detective Story”, rememora logo de início a relação próxima vista não só por ela como por outros teóricos entre a ficção científica (FC) e, nas palavras de David Ketterer, uma certa “imaginação apocalíptica” (GOMEL, 1995, p. 343) que acabaria por dar uma cor de fim de mundo aos futuros que o gênero se propõe a explorar. O exemplo mais claro dessa forma discursiva de *future sans future* estaria nos numerosos romances retratando o fim da civilização, em particular os criados nas décadas de 1950 e 1960 inspirados pelo horror nuclear, mas sem se ater a ele como único algoz da raça humana. E, ainda que aqui estejamos falando de apocalipses seculares, Gomel recorre ao Apocalipse bíblico para definir o ambiente onde seu *detetive ontológico* operará. Citando novamente Ketterer, Gomel argumenta que

[...] a palavra ‘apocalíptico’ ‘possui uma carga tanto negativa quanto positiva: há uma correlação necessária entre a destruição do mundo e o surgimento da Nova Jerusalém’. [...] O Apocalipse é o preço a se pagar pela Utopia. O mundo acabou e foi melhor assim.² (GOMEL, 1995, p. 345)

Embora representando uma espécie de detetive de enigma em um cruzamento de gêneros – ficção científica e história investigativa – o *detetive ontológico* de Gomel preocupa-se mais com o corpo do mundo do que com o “corpo na biblioteca” (GOMEL, 1995, p. 346). Diferente do detetive clássico, como Holmes, o *detetive ontológico* não busca resolver crimes ou identificar assassinos. Sua função é desvendar a verdadeira natureza do mundo em que está, o que invariavelmente leva a um apocalipse e ao surgimento de uma Utopia, Nova Jerusalém ou um novo mundo no qual o protagonista está melhor preparado para viver. Um exemplo notável desse tipo de detetive aparece em

² Todas as traduções do inglês para o português são de nossa autoria (inclusive do *corpus* ficcional abordado, que recentemente ganhou edições brasileiras ou portuguesas em vernáculo).



O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial

The Three-Body Problem (2014), de Cixin Liu. Nesta inovadora história de Primeiro Contato, a humanidade revela desastrosamente sua posição na galáxia a uma raça alienígena hostil. Wang Miao, um cientista chinês, é recrutado para investigar por que cientistas de ponta, globalmente, estão cometendo suicídio. O ponto comum entre eles é sua ligação a um jogo online – na verdade, uma ferramenta de invasão extraterrestre – ambientado em um mundo virtual onde uma civilização luta para sobreviver em condições ambientais extremas. Catástrofes constantes desafiam os jogadores a entender um mundo cujos dias têm duração errática, sem garantia de que o sol nascerá após o poente. Wang descobre que a civilização enfrenta Eras Estáveis, de dias fixos, e Eras Caóticas, de duração imprevisível.

Ao finalmente desvendar o mistério por trás do jogo online *Three-Body*, ou seja, o porquê das Eras Estáveis e Caóticas, Wang cumpre seu papel de *detetive ontológico* ao revelar a natureza do corpo daquele mundo virtual; com seu sucesso, o jogo deixa de funcionar e o Apocalipse real se abate sobre a Terra, ainda que dando à Humanidade uma amarga sobrevivida de 400 anos...

A solução deste enigma é um momento de epifania que é simultaneamente uma revelação e uma metamorfose. O mundo de escuridão, mistério e opressão é literalmente transformado pelo próprio ato de ser compreendido. (GOMEL, 1995, p. 350)

No *detetive redentor*, embora o elemento apocalíptico seja essencial, não há um mistério ontológico, mas sim um clássico mistério policial, como defendido por W.H. Auden, para quem as verdadeiras histórias de detetive envolvem assassinato (AUDEN, 1988). Há um corpo, um assassino, e o detetive, nos moldes canônicos, usa ferramentas investigativas (coleta de provas, visitas a cenas de crime, interrogatórios, pesquisas, etc.) para identificá-lo e garantir justiça, mesmo sob as condições extremas do Fim do Mundo.

Em *The Last Policeman*, saga de três livros de Ben H. Winters, o autor retrata um Estados Unidos se deteriorando enquanto aguarda o impacto do meteoro Maia, que extinguirá toda a vida no planeta. Semelhante a *The Last Man* (1826), de Mary Shelley, considerado “o primeiro romance de ficção científica apocalíptica” (GOMEL, 1995, p.

FARIA, Leonardo Nahoum Pache de. O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 92-113.

343), somos apresentados a uma sociedade em colapso: instituições falham, infraestrutura entra em colapso, e cidades tornam-se desertas e perigosas. Isso ocorre devido à migração em massa daqueles que abandonam tudo para realizar sonhos (*to go bucket-list*, alusão ao filme *The Bucket List*, 2007) ou aos inúmeros suicídios – um "chutar o balde" literal.³ Os suicídios são tantos que a polícia, incluindo a de Concord, New Hampshire, onde Henry Palace narra a história, raramente os investiga, e autópsias tornaram-se inexistentes. Palace, no entanto, expressa indignação pela negligência dos colegas ao tratar o caso de Peter Zell, suposto suicida.

Aparentemente, o agente de seguros tirara a própria vida com um longo cinto preto, uma das pontas amarrada à alça de metal na parede do banheiro e a outra trabalhada em um nó de enforcado que se enterrara de forma brutal em seu pomo de Adão.

– E aí, garoto, quem é seu amigo?

– Peter Anthony Zell – eu respondo suavemente, olhando por cima do ombro para a figura de Dotseth, que [...] ri para mim enquanto segura um copo de café do McDonald's.

– Homem caucasiano, trinta e oito anos. Trabalha com seguros.

– E deixa eu adivinhar – diz [o detetive] Dotseth. – Ele foi comido por um tubarão. Ah, não, espera aí: suicídio. Foi suicídio?

– É o que parece. [...]

– E qual vai ser, Stretch? [– pergunta o policial Michelson. –] Vamos esperar pelo carro dos presuntos ou vamos carregar o boneco aí nós mesmos? [...]

– Qual é, Michelson... Um homem morreu.

– Foi mal, Stretch. [...] Você vai passar esse para o Departamento da legista, é? [...] Achei que a doutora Fenton não estava mais mexendo com os suicidas.

– Quem decide isso é o detetive responsável – disse eu. – E nesse caso, eu acho que se justifica uma autópsia.

– Ah, é?

– É, sim. (WINTERS, 2012, p. 15, 19, 20)

Essa é a base da justificativa de Palace para investigar o que parece ser um suicídio evidente: *A man is dead*. Um homem morreu, e sua vida merece respeito, assim como a de todos que já morreram ou morrerão antes ou depois do impacto do meteoro Maia, que se aproxima a cada dia. A inexperiência de Palace (um policial de trânsito promovido às pressas devido à falta de detetives) e seu senso de justiça, moldado pela perda dos pais na infância (a mãe assassinada e o pai suicida meses depois), frequentemente o colocam em

³ A expressão inglesa *to kick the bucket* significa morrer ou, no caso de objetos e máquinas, quebrar de vez.



O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial

conflito com colegas e com o clima geral de Concord e do país: desespero para quem perdeu o cinismo e cinismo para quem ainda não perdeu a esperança, como na cena em que o detetive Culverson sugere um *bolão* sobre o local de impacto do asteroide.

– Bolão oficial do Departamento de Polícia de Concord. – [anuncia Culverson], de forma solene. – Vamos lá, todos. [...] Se temos que morrer [...], vamos primeiro faturar uns trocados com os irmãos e irmãs patrulheiros. [...] Eu vou primeiro. Aposto 100 pratas no Oceano Atlântico.
– Quarenta pratas na França – diz McGully, abrindo a carteira. – É bem feito praqueles cretinos. (WINTERS, 2012, p. 27-28)

Embora atento ao humor negro de Culverson, Palace ignora suas apostas, focado nos detalhes do caso de Peter Zell que sugerem uma cena de crime encenada. Ao longo das 318 páginas de *The Last Policeman*, ele investiga e resolve o assassinato, enfrentando um cenário de desalento que tenta convencê-lo da inutilidade de sua busca. *A man is dead*, mas o mundo vai acabar, então, para muitos, isso não importa. Para Palace, no entanto, importa: a humanidade deveria permanecer humana até o fim.

No segundo livro, *Countdown City* (2013), restam 77 dias para o impacto de Maia. Palace, destituído de seu título após a incorporação do Departamento de Polícia de Concord à Justiça Federal, continua sua jornada como um obstinado *private eye*. Ele aceita buscar Brett Cavatone, a pedido de Martha Milano, conhecida de infância. Quando perguntado por quê, Palace responde: “*Porque ela me pediu*” (WINTERS, 2013, p. 27), reafirmando sua visão de que esse é o único comportamento humano possível.

Durante a viagem com sua irmã, Nico Palace, Ben H. Winters explora ainda mais o colapso social e institucional, testando seu protagonista ao máximo. Palace descobre que Brett, desiludido por uma suposta traição da esposa, embarcou em uma cruzada pessoal: destruir bases navais da costa oeste, que impedem refugiados de alcançar praias fora da zona de impacto de Maia. Apesar de ambos quererem preservar a humanidade até o fim, Brett e Palace divergem profundamente. Quando Palace o confronta, desarma e tenta convencê-lo a desistir, fica claro que as visões de humanidade e moralidade dos dois são irreconciliáveis.



Leonardo Nahoum Pache de Faria

- Eu entendo – disse eu. – que você não concorde com a política de contenção e interdição [dos refugiados] sendo executada pela Guarda Costeira.
- Não, Henry. Você não entende – retruca ele, suavemente, quase num lamento.
- Não há política alguma.
- O quê?
- Achei que você entendesse, Henry. Achei que era por isso que Deus havia te mandado. [...] Não se trata de interdição, mas de massacre. Aquelas fragatas abrem fogo contra os cargueiros, e os afundam quando podem. Eles atiram nos sobreviventes, também. Não querem que ninguém chegue à terra. Eu pisco, ofuscado pela luz do sol, o rifle tremendo em minhas mãos.
- Não acredito em você. (WINTERS, 2013, p. 201-202)

Apesar dos pruridos de Palace, a razão e a verdade estão, claro, com Cavatone. A Guarda Costeira e o governo a que pertence há muito já abriram mão da humanidade que ainda persiste em alguns de seus membros, militares ou civis. Em tempos de crise migratória na Europa, quando centenas de milhares de refugiados sírios buscam a segurança das (nem sempre abertas...) fronteiras europeias, o livro de Winters, por fantasiosas que sejam suas premissas apocalípticas, chama nossa atenção (como toda boa literatura) para nosso mundo real, nosso mundo além-livro, além-papel, e ecoa a reflexão de Garcia-Roza em *Vento Sudoeste* sobre o papel da polícia (ou do *poder* de polícia) em uma realidade *sans* cor-de-rosa: “Num país marcado por tamanha desigualdade, a função da polícia não pode ser outra senão impedir o terceiro mundo de invadir o primeiro.” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 44)

O Estado norte-americano, ao se esfacelar ao longo dos três livros de Winters, se resume a isso: uma espécie de *damage control* do Juízo Final. Sem o incômodo extra e agravante, se possível, dos estrangeiros; porque a América não quer mais “os pobres, os exaustos, as massas que se acotovelam em sua ânsia de respirar ares livres”⁴ do pesadelo representado pelo asteroide Maia.

A partir do encontro que o marca profundamente, *Countdown City* transforma-se em um novo *whodunit*, com o assassinato de Cavatone. Mais uma vez, Henry Palace sente-se compelido a desvendar o mistério por trás de uma morte aparentemente gratuita, como a de Peter Zell em *The Last Policeman*. Para ele, descobrir motivos, atribuir culpas

⁴ Trecho do poema *The New Colossus* (1883), de Emma Lazarus, mais conhecido como *Poema da Estátua da Liberdade*.



O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial

e concluir histórias é a única forma de humanizar o caos à sua volta e reafirmar o humano em um mundo prestes a acabar. Assim como Poe criou o “mundo ultrarracional e ordenado das histórias de detetive” (HOLQUIST, 1971, p. 140) para não enlouquecer, o *detetive redentor* retoma a lógica pura do detetive clássico, capaz de triunfar ao se ater ao princípio da *adequatio rei et intellectus* – a crença de que o intelecto pode compreender todas as coisas, dado o tempo necessário (HOLQUIST, 1971, p. 141).

Na pós-modernidade, onde a literatura muitas vezes foca em “coisas, e não em pessoas” (HOLQUIST, 1971, p. 148), com protagonistas reduzidos a figuras impessoais, isso se torna insuportável. Um mundo sem homens – ou onde eles perdem relevância – é tão desolador quanto a loucura que Poe evitava. Se, como diz Robbe-Grillet ao falar sobre o *nouveau roman*, as coisas existem ao nosso redor a despeito dos símbolos e adjetivos que lhes apegamos – e isso sem deixarem de ser misteriosas – e o esforço artístico de dar a esse mundo concreto um significado não passou, ao longo dos séculos de vida do romance como forma narrativa, de uma simplificação ilusória do problema de entender o mundo (ROBBE-GRILLET *apud* HOLQUIST, 1971, p. 148), as novas literaturas que surgem a partir dessa percepção, incluída aí a do detetive metafísico, parecem significar uma espécie de rendição. Um destronamento do homem carregado de excessiva culpa; e para o qual o *detetive redentor* parece acenar, em alerta, também para indicar que um meio termo seria mais bem-vindo. E menos insano ou final. Maia se aproxima da Terra, a milhares de quilômetros por hora, mas ainda há sentido humano no universo. Sempre que se puder dizer, com gravidade, a frase de Palace: *A man is dead*.

No final de *Countdown City*, com Concord devastada por incêndios e vandalismo, Palace aceita um convite da policial Trish McConnel para um retiro final. Junto com seus filhos e o cachorro de Palace, Holdini, eles seguem para uma mansão abandonada em Massachusetts, onde ex-policiais e militares pretendem passar as últimas semanas antes do impacto de Maia, abastecidos com víveres e armas.

- Você não deveria estar fazendo sua ronda? – [pergunta Palace.]
- Ninguém está fazendo patrulhas e nossas ordens são para não interferir em nada, deixar essa merda toda queimar sozinha. Não colocar em risco os

FARIA, Leonardo Nahoum Pache de. O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 92-113.



Leonardo Nahoum Pache de Faria

recursos do Departamento.[- diz a policial Trish McConnell. -] Estou saindo de licença por conta própria, Palace, e não vou mais voltar. [...] E você vem comigo. (WINTERS, 2013, p. 290)

Palace não consegue permanecer na mansão, atormentado pela ausência de notícias sobre sua irmã Nico a duas semanas do fim do mundo. Assim, *World of Trouble*, último livro da trilogia *The Last Policeman*, começa como mais uma história de pessoa desaparecida que logo se transforma em um *whodunit* final. Este volume apresenta o Palace mais humano da trilogia: falível, desesperado, vulnerável a ferimentos e agressões. Essa humanidade reintroduzida no *detetive apocalíptico* é essencial para o conceito do *detetive redentor*. Para salvar o ser humano de sua extinção, física ou espiritual, o protagonista não pode ser o detetive metafísico de Borges ou Robbe-Grillet, indiferente a mundos inumanos e sem respostas, nem o detetive clássico, como Dupin e Holmes, marcado pelo racionalismo extremo que reduz o homem a uma máquina de pensar.

Um exemplo dessa falibilidade, que remete à evolução vista na literatura policial com o detetive *hardboiled* de Dashiell Hammett nos anos 1920-30 (quando o investigador deixa de ser intocável), aparece perto do final, quando Palace é atacado e dominado por seu companheiro de viagem, o criminoso Cortez.

Estou aqui jogado no chão, cuspiendo [lama] e me perguntando em que ano de minha imaginária futura carreira policial eu teria desenvolvido a habilidade de ocasionalmente ser aquele que surpreende o oponente, em vez de ser o cara que é surpreendido. Na loja *Next Time Around*, fico à mercê de Abigail, ela mais carregada de armas que uma árvore de natal. Depois, Atlee me pega desprevenido na floresta. E ainda teve o homem que nunca cheguei a ver, no Rotary, escondido atrás da parede de concreto, apenas a boca de sua metralhadora aparecendo do lado de fora. É como uma grande piada, é como se eu fosse um personagem num desenho animado. Todo mundo consegue pregar uma peça no detetive Henry Palace! (WINTERS, 2014, p. 184-185)

Essa dimensão humana resgatada, reafirmada, está também na ênfase dada à resolução das questões suscitadas pelos crimes, nem tanto pela atribuição de culpas e responsabilidades, mas sim pela humana necessidade de conhecimento. É movido por essa índole de *detetive redentor*, de “pergunta apontada para uma resposta” (WINTERS, 2014, p. 213), e não mais de agente da lei e da ordem responsável pelo apaziguamento de



O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial

equilíbrios sociais rompidos, que Henry Palace, ao descobrir e confrontar a assassina de sua irmã, não busca vingança e nem mesmo justiça. Busca apenas saber.

- Eu a matei.
- Eu sei.
- Sinto muito.
- Eu sei – digo novamente, e o que quero dizer com isso é que ‘Não me importo’. O arrependimento dela não tem lugar aqui. Eu quero respostas, meu peito parece explodir com a intensidade da minha vontade, as armas tremendo em minhas mãos. Ela pensa que vou abatê-la ali mesmo, acha que estou enlouquecido por desejos de sangue e vingança. Mas ela está errada, não quero vingança. *Vingança é a mais vagabunda das motivações, é uma estrela de latão em uma jaqueta velha. Quero respostas, é tudo o que quero.* (WINTERS, 2014, p. 296. Grifo nosso.)

Henry Palace, em seus pensamentos, mostra o caminho para a salvação do ser humano neste mundo prestes a engoli-lo: menos culpas e vingativas punições, e mais respostas. Porque da clareza aberta pelas respostas aparece o espaço para o que há de mais propriamente humano no homem: a comunhão, a ponte, a troca de experiências, a magia dos relatos, o oferecimento da própria vida na forma de narrativas, conversas, Verbo. É por isso que Palace (para cumprir seu papel de *detetive redentor...*), ao esgotar todas as perguntas que tinha para Jean, a assassina de sua irmã Nico, sobre o caso, senta-se com ela e, sem qualquer peso no coração, a acalma enquanto conversam sobre suas respectivas infâncias. Para absoluta surpresa do leitor.

Ficamos lá sentados um tempo, na lama do gramado, e ela vai me contando tudo, desenhando todo o quadro enquanto fala: a nave alta da igreja de St. Mary, em Lansing, Michigan, as luzes bruxuleantes das velas de oração, as reconfortantes harmonias do coro. Ela se lembra de um bocado de coisa, considerando-se o quão nova ela era e quanta coisa lhe aconteceu desde então. Um pouco depois, sou eu quem conto a ela algumas de minhas histórias, de quando era um garoto: meus pais nos levando ao velho Dairy Queen, nas noites de sábado, para tomar *milk-shakes*; as idas ao 7-Eleven depois da escola para comprar revistas do Batman; os passeios de bicicleta com Nico pelo White Park, assim que ela aprendeu a pedalar e não queria nunca saltar daquela coisa, a pedalar, pedalar, pedalar, pedalar. (WINTERS, 2014, p. 305)

A humanidade se redime toda vez que um homem busca o outro, toca o outro, lança passarelas entre ilhas, sejam elas à volta de fogueiras, em gramados lamacentos como o de Palace e Jean, em redes sociais, ou nos esforços demiúrgicos e miméticos da

FARIA, Leonardo Nahoum Pache de. O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 92-113.



Leonardo Nahoum Pache de Faria

ficção. E essa é mais uma das características do *detetive redentor* que gostaríamos de apontar: a palavra é importante – o José Severo de Cony, em *O ventre*, diz: “Só há a palavra para designar, a coisa não existe.” (CONY, 1974, p. 163) –, a ficção é importante, a literatura e a comunicação entre homens é importante. Eis aí mais uma reparação do *detetive redentor* ao detetive clássico de enigma ou, mais especificamente, a Holmes: não cabe, para que se salve a Humanidade, um herói para quem a literatura não tem importância (como já vimos no citado trecho de *Um Estudo em Vermelho*), para quem a ficção, como diz Holmes no começo do filme *Mr. Holmes* (2015)⁵, de Bill Condon, é uma coisa “sem valor”, inútil. A literatura (esse dar de mãos entre pessoas) é tudo, nos diz Henry Palace, é o que nos faz humanos, diz também o Wil Brierson de Vernor Vinge em *Marooned in Realtime*, como veremos a seguir. E é também o que nos diz o Holmes da película de Condon, ele mesmo transformado em *detetive redentor* no final da trama (a despeito da falta do apocalipse *sci-fi* que o tornaria mais facilmente reconhecível), ao descobrir na ficção que antes desprezava (ainda que se trate apenas de uma carta tão mentirosa quanto piedosa) o consolo para si e para o próximo, a salvação que fatos frios e coisas inumanas não podem oferecer. No trecho a seguir, Holmes inicialmente relata à sua governanta, a sra. Munro, enquanto ambos esperam no hospital pela recuperação do filho desta, Roger, o episódio que o desgraçara décadas antes, tanto como detetive quanto como ser humano.

– Houve uma mulher, uma vez. Eu estive com ela por menos de um dia, coisa de quinze minutos de conversa. Ela precisava da minha ajuda. Precisava desesperadamente que alguém a entendesse. Que eu a entendesse.

Então, apresentei a ela todos os detalhes do seu caso, como eu os via. Achei então que a agradava com isso. Fiquei a olhando enquanto ela caminhava para longe. Em questões de horas, ela tiraria a própria vida. Ao identificar a causa de seu desespero com tanta clareza, eu havia dado a ela carta branca para fazer justamente o que ela pretendia.

Eu deveria ter feito tudo que fosse necessário para salvá-la. *Mentir para ela, inventar uma história*. Tomá-la pelas mãos, abraçá-la enquanto chorava, dizer ‘Venha viver comigo, sejamos solitários juntos’. Mas eu tinha medo, era egoísta. Ela é a razão de eu ter vindo para cá, para minhas abelhas, para que eu nunca mais pudesse machucar alguém outra vez. (*Mr. Holmes*, dir. Bill Condon, 2015. Grifo nosso.)

⁵ O filme é baseado no livro *A Slight Trick of the Mind*, do autor norte-americano Mitch Cullin, publicado em 2005.



O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial

'Mentir, contar uma história', diz Holmes. Mas como fazer isso, se o velho Holmes de Doyle não acreditava no valor da literatura, que via como uma forma de mentira? Inspirado pela melhora do menino atacado por vespas, Holmes abraça sua humanidade ao abandonar a frieza da verdade histórica e redige uma carta para o filho de um diplomata japonês, que deixara sua família no Japão por conselho pragmático de Holmes. Na carta, Holmes inventa uma situação enobrecedora sobre o diplomata, buscando oferecer *closure* ao filho abandonado, algo semelhante ao que buscamos nas histórias clássicas de detecção. No final do filme, Holmes, agachado na grama, organiza pedras no chão em homenagem às pessoas que perdeu: o diplomata, sua esposa, Mycroft e Ann, mulher que amou brevemente, mas carregou consigo por toda a vida, em uma cena espiritualmente profunda.

- Terminou o que tinha que fazer? [– pergunta o menino Roger.]
- Sim, terminei. *Minha primeira incursão pelo mundo da ficção*. Ninguém deve deixar essa vida sem uma sensação de completude. (*Mr. Holmes*, dir. Bill Condon, 2015. Grifo nosso.)

Mas tudo isso, claro, sem perder de vista a Pergunta. Mesmo com toda essa nova profundidade que vemos neste Holmes de Condon e no *Palace of Winters*, não se pode esquecer que o Enigma também é (muito) importante e que, se os homens virarem alheios “detetives cósmicos, interessados [apenas] em resolver o crime de sua própria existência” (HOLQUIST, 1971, p. 154), com a morte do Outro se despindo de toda importância, o nosso Apocalipse virá. Ainda há que se perseguir a Resposta, ou o Culpado. Como se pode ver no espirituoso trecho a seguir, em que dois dos protagonistas do romance *The Three-Body Problem* travam uma conversa que na verdade é um embate entre o detetive metafísico/ontológico (representado por Wang Miao) e o detetive clássico (representado por Da Shi / Shi Qiang).

- Da Shi [– pergunta Wang Miao. –] alguma vez você já... considerou certas questões filosóficas fundamentais? Por exemplo, de onde vem o Homem? Para onde o Homem vai? De onde veio o universo? Para onde vai o universo? Etcetera?
- Não.

FARIA, Leonardo Nahoum Pache de. O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 92-113.



Leonardo Nahoum Pache de Faria

- Nunca?
- Nunca.
- Você deve olhar para as estrelas. Nunca ficou assombrado com elas ou curioso?
- Nunca olho para o céu à noite.
- Como isso é possível? Achei que você trabalhasse no turno da noite?
- Meu chapa, quando eu trabalho à noite, se ficar olhando para o céu, vou deixar o suspeito escapar. (CIXIN, 2014, p. 132)

Na cena final de *World of Trouble*, e que fecha a trilogia *The Last Policeman*, o *detetive redentor* Henry Palace está sentado à mesa de uma família *amish* mantida na ignorância da catástrofe iminente pelo patriarca Atlee Miller. Espécie de síntese entre um Wang Miao que se assombra com as estrelas da existência e um Shi Qiang que sabe ser objetivo como policial e investigador, Palace chega ao final de sua trajetória sem ter deixado nenhum de seus suspeitos escapar, mas sem tampouco se deixar reduzir a uma máquina cuja performance analítica impede olhares para o céu. Essa combinação dialética fica simbolicamente mais evidente no trecho em que Winters descreve essa espécie de Última Ceia cristã, na qual o detetive, sempre símbolo da Razão e do Racionalismo, dá as mãos à família de crentes e à tradição e espiritualidade que sua religião representa. Parece haver aqui um exemplo bastante convincente (e literal) do paralelo que Michael Holquist vê entre “o desfecho formal do romance de detetive e o conceito cristão de Dia do Juízo Final, quando, com o soar dos trompetes, o mistério é revelado e os bodes são separados das ovelhas” (HOLQUIST, 1971, p. 144). Tendo substituído, como sugere Holquist, a religião como dispositivo consolador e válvula de escape para os pecados e culpas do homem, a história de detetive reconhece que o pós-modernismo a torna obsoleta, ao propor um universo anti-antropocêntrico, e pede ajuda a essa mesma religião (no que ela tem de humanista, no que ela tem de comunhão análoga à literatura) para que o ser humano não desapareça com o asteroide Maia ou qualquer outro Dia Final. De mãos dadas, a humanidade reza enquanto o *detetive redentor*, em vigília (como o Palace das linhas a seguir), mantém seus olhos atentamente abertos.

Atlee Miller baixa a cabeça e o cômodo mergulha em uma calma profunda, à medida que todos eles começam a rezar em silêncio, os rostos pairando sobre a comida, exatamente como da última vez; e, também como da última vez, eu mantenho meus olhos abertos. Procurando à minha volta até que a encontro, lá está ela, sentada em uma das mesas das crianças, a pequena Ruthie com suas

FARIA, Leonardo Nahoum Pache de. O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 92-113.



O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial

tranças de moranguinho, seus olhos tão abertos quanto os meus estão. Ela vê que estou olhando para ela, o rostinho tão pálido, e estendo minha mão na direção da menina. Estico meu braço comprido e ofereço minha mão a ela para lhe emprestar minha coragem; ela então me estende a mão, para que eu receba a coragem dela também, e ficamos assim de mãos dadas, olhos nos olhos, enquanto o céu lá fora começa a brilhar, Atlee de cabeça baixa, todos ainda em silenciosa oração.

Seguro a mão de Ruthie, e ela a minha, e permanecemos assim sentados, dando forças um ao outro, como estranhos em um avião prestes a cair. (WINTERS, 2014, p. 316)

2. Náufragos em uma temporalidade irreal: o detetive redentor Wil Brierson e o assassinato de 50 milhões de anos do romance *Marooned in Realtime*

O outro exemplo de *detetive redentor* que analisaremos surge em um livro de 1986, de Vernor Vinge, autor que introduziu o conceito de Singularidade, hoje muito debatido em um mundo dominado pela tecnologia. Segundo Vinge, a Singularidade representaria um avanço tecnológico tão radical que levaria a humanidade a transcender sua existência material, atingindo um estágio pós-humano além da compreensão. Nesse cenário, o investigador Wil Brierson usa as ferramentas do detetive clássico para solucionar um assassinato que simbolicamente e literalmente ameaça o futuro da humanidade, reunida na cidade chamada Korolev, ou como alguns preferem: Segunda Chance, Última Chance, ou a Grande Urbe (VINGE, 1986, p. 4).

A trama de *Marooned in Realtime*⁶ se desdobra de eventos apresentados em *The Peace War* (1984) e *The Ungoverned* (1985). Nesses trabalhos, a humanidade desenvolve a tecnologia das *bolhas*, esferas espelhadas impenetráveis que englobam o espaço onde são criadas. Originalmente usadas como armas, descobre-se que as *bolhas* suspendem o tempo em seu interior. Com o refinamento dessa técnica, é possível controlar a duração das *bolhas*, ampliando significativamente suas aplicações.

No interior da *bolha*, o tempo ficava parado. Aqueles em seu interior permaneciam exatamente como eram no instante [...] em que haviam decidido

⁶ A expressão inglesa *marooned* se refere àquele que se encontra isolado em alguma parte, sem possibilidade de escapatória ou resgate.



Leonardo Nahoum Pache de Faria

escapar para o futuro. Força alguma era capaz de afetar o conteúdo de uma *bolha*; força alguma poderia alterar sua duração – nem o coração de uma estrela, nem o amor de um coração. (VINGE, 1986, p. 7)

As *bolhas* deixam de ser apenas armas e passam a ser usadas como instrumentos de armazenamento, naves espaciais (com motores acoplados) e máquinas do tempo rumo ao futuro. Por diversas razões, pessoas escolhem congelar-se em *bolhas*, aguardando, por centenas ou milhões de anos, a cura de doenças terminais, riquezas acumuladas por juros compostos ou cenários políticos e econômicos mais favoráveis. Esse não é o caso de Wil Brierson, policial do século XXI, congelado contra sua vontade por um criminoso que prendera e contra quem iria testemunhar. Brierson é separado de seu tempo, família e sociedade, despertando 100.000 anos depois.

Resgatado por Marta e Yelén Korolev, que haviam reunido sobreviventes de todas as eras, Brierson revive na cidade de Korolev, fundada no dia do resgate de uma das últimas *bolhas* conhecidas. Essa *bolha*, contendo cerca de cem pessoas congeladas desde o século XXI, era vital para garantir a viabilidade genética da última comunidade *Homo sapiens*. Originalmente programada para um salto de 50 anos no futuro, a *bolha*, na verdade, os transportou para 50 milhões de anos além. É nesse momento, chamado Mega-Ano 50, que a história se passa.

O maior choque dos congelados ao emergirem de suas *bolhas*, incluindo Wil Brierson, é descobrir que, em algum ponto do século XXIII, toda a humanidade desaparecera sem deixar rastros. Esse evento, chamado *Singularidade*, guarda semelhanças com o Arrebatamento Cristão pré-Apocalipse. *Marooned in Realtime* explora a interação entre quase duzentas pessoas dessa comunidade peculiar, vindas de eras históricas distintas e com tecnologias diferentes. Alguns, os viajantes avançados, possuíam complementos cibernéticos e experiências de viagens interestelares de milhares de anos.

O tempo geológico de milhões de anos elimina o tempo humano e histórico. Não há mais calendários ou História humana. O livro apresenta uma Terra transformada: novas geografias (como alpes no Camboja), espécies desconhecidas de fauna e flora, e tribos de macacos-pescadores habitando a costa.

FARIA, Leonardo Nahoum Pache de. O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 92-113.



O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial

Ao conduzir sua investigação como *detetive redentor*, Brierson combate essa *a-historicidade* inumana. Perseguir fatos, eventos e causalidades reafirma o tempo humano. "A" leva a "B", que leva a "C", que causa "D". Ele organiza as cartas, devolvendo sentido ao baralho.

Não por acaso, essa temporalidade apocalíptica que vemos em *Marooned in Realtime*, temporalidade dos abismos, dos dias incontáveis, das eras que se contam aos milhares ou mesmo milhões de evoluções solares, está no cerne de uma filosofia anti-humana, uma filosofia das coisas (e por isso tão pós-moderna...) que tem no escritor norte-americano H. P. Lovecraft seu maior expoente, mas cujo princípio remontaria a ninguém menos que Edgar Allan Poe. Autores da atualidade, como Jeffrey Andrew Weinstock, têm traçado essa tendência literária que privilegia um olhar sobre as coisas, sobre o mundo concreto, deixando de lado significações ou protagonismos humanos, a contos como “Berenice” (1835), de Poe (WEINSTOCK, 2015). Estariam em Poe, então, tanto os fundadores espasmos ficcionais algo loucos que inspirariam as perturbadoras mitologias de terror de Lovecraft (o ciclo *Cthulhu*, por exemplo) e todo um *pensée* que prescindia do humano, quanto o seu contraponto hiper-racionalista já nosso conhecido: Dupin, o poder do pensamento e do método, e toda a tradição das histórias de detetive a partir de então.

O resgate da *bolha* dos cem Pacifistas (ou *Peacers*), essencial para a colônia humana, é bem-sucedido. Enterrada a quarenta quilômetros de profundidade no magma, a *bolha* é trazida à superfície por detonações controladas. O problema surge no próximo passo: como o momento exato da dissolução da *bolha* é incerto (podendo levar décadas, séculos ou milênios), os sobreviventes de Korolev são congelados em suas *bolhas*, fazendo saltos de três meses no futuro, parando brevemente para monitorar se a *bolha* Pacifista se rompeu. Quando isso ocorresse, todos os humanos remanescentes estariam reunidos para “uma última tentativa de restaurar a existência da espécie” (VINGE, 1986, p. 16).



Leonardo Nahoum Pache de Faria

Porém, uma sabotagem faz com que o primeiro salto dure cem anos, não três meses, e ainda isola Marta Korolev *naufrajada* em tempo real, sem *bolha*, recursos ou acesso à tecnologia.

- Onde está Marta? – perguntou Brierson, de forma automática.
- Marta está... morta, Inspetor Brierson. – a voz de Yelén soava mais inexpressiva que de costume. – Assassinada. [...] Você já foi policial, em um século no qual assassinatos eram comuns. Você era até famoso, li tudo a seu respeito quando eu era criança... Farei tudo o que for preciso para apanhar o responsável pela morte de Marta, Inspetor.
- O que aconteceu, Yelén? – disse ele com calma, inclinando o corpo para frente.
- Ela...ela foi deixada para trás; deixada fora de nossas *bolhas*. Anteriormente, [Brierson] pensara que exilar alguém no futuro seria o pior tipo de crime envolvendo *bolhas*. Agora, porém, ele se dava conta de que ser proposi-tadamente abandonado em um presente vazio poderia ser igualmente terrível.
- Por quanto tempo ela ficou sozinha, Yelén?
- Quarenta anos. *Apenas malditos quarenta anos*. Mas ela não tinha remédios, não tinha robôs; estava apenas com a roupa do corpo. Estou orgulhosa d-dela. Ela durou quarenta anos. Sobreviveu aos elementos, aos animais; sobreviveu à solidão e à própria velhice. Por quarenta anos. (VINGE, 1986, p. 39)

Como teria dito o Henry Palace de Winters (guardados, obviamente, os gêneros), *a man is dead*. Uma mulher deixou esta vida, e não por vontade própria. E aí que está toda a tragédia do cenário de fim de mundo do livro de Vinge. Ainda que tanto para o leitor quanto para as personagens de *Marooned in Realtime*, “não haja dúvida de que a Extinção [da Humanidade] é o mistério central de suas vidas” (VINGE, 1986, p. 18), não será dele que se ocupará o Inspetor Wil Brierson. Porque cabe a ele não a tarefa de *detetive ontológico*, responsável pela decifração da esfinge de um mundo, mas sim a de *detetive redentor*, cuja eficácia na resolução de um crime de morte reafirmará a importância do humano numa era em que o homem já deixou de ser (ainda que para “ser mais”).

- Motivação. Quem poderia querer a morte de Marta?
- [...]
- O motivo, Inspetor Brierson? Não posso me dar ao luxo de imaginar que seja qualquer coisa menos que a destruição de nossa comunidade. Uma dessas pessoas quer ver a humanidade permanentemente extinta. (VINGE, 1986, p. 41)

FARIA, Leonardo Nahoum Pache de. O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 92-113.



O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial

Brierson investigará o assassinato de Marta Yelén, colherá pistas e interrogará suspeitos, construirá linhas do tempo e reforçará a relevância das relações humanas, do senso de comunidade e de comunicação, à medida que seu trabalho se torna vital para que Korolev, esclarecido o crime (mas apenas então), possa florescer e manter viva a Era do Homem.

Como na trilogia *The Last Policeman* e no filme *Mr. Holmes* (ainda que sem o elemento apocalíptico), o último suspiro da humanidade e de seus valores depende do *detetive redentor* e de sua chegada à Resposta. O *whodunit*, a Pergunta, exige fechamento; nenhuma vida humana deve se perder em vão. Em *Marooned in Realtime*, a ficção e a literatura são exaltadas como símbolos humanistas, pontes entre os homens. Dois aspectos destacam essa ideia:

- 1) Confunde-se a figura real de Wil Brierson com o detetive fictício criado por seu filho Billy após seu *embolhamento*. Brierson torna-se famoso por essa personagem, que Yelén leu sobre quando criança. Ele ainda faz referência à ficção ao explicar seu papel no caso a Monica Raines: 'Eu ficarei responsável por bisbilhotar por aí, *como nas velhas histórias de detetive*, enquanto Della Lu fará as análises técnicas mais sofisticadas' (VINGE, 1986, p. 77).
- 2) A vítima torna-se *autora*, é *descoisificada* e não permanece como mero *corpo-encontrado-na-biblioteca*. Seus pensamentos, emoções e suspeitas são revelados por trechos de seu diário. Marta Korolev registrou mais de um milhão de palavras, todas para sua amada Yelén. A descoberta desse artefato pelo Inspetor Brierson é marcante e merece análise:

- Mais uma coisa, Yelén.
- Sim?
- Precisamos de uma cópia de todo o diário.
- Como... *Que diário?*
- O que Marta manteve durante todos os anos em que ficou isolada. Yelén cerrou os lábios com força, ao se dar conta de que ele provavelmente estivera blefando – e que ela já havia perdido aquele jogo [...]
- Isso não é da sua conta, Brierson. Eu já li tudo: Marta não fazia ideia de quem havia deixado ela para trás.

FARIA, Leonardo Nahoum Pache de. O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 92-113.



Leonardo Nahoum Pache de Faria

– Quero o diário, Yelén.
– Pois vai ficar querendo! – disse ela, erguendo um pouco o corpo antes de voltar a se sentar. – Você é a última pessoa que eu quero ver colocando as patas nos escritos de Marta... Talvez eu possa mostrar alguns trechos para você, Lu. Wil não deixou que a viajante espacial respondesse.
– Não. De onde eu venho, ocultar evidências quase sempre era crime, Yelén. Isso não quer mais dizer nada por aqui, claro, mas se não me der o diário – todas as páginas, e tudo o mais relacionado a ele – vou largar o caso e pedir a Lu que faça o mesmo. (VINGE, 1986, p. 46-47)

Com as passagens escritas por Marta inseridas na investigação de Brierson, Vinge destaca o poder da literatura como a mais elevada forma de comunicação humana. Não apenas como a última expressão de amor entre duas mulheres separadas por um *naufrágio temporal*, mas como uma ponte duradoura entre sociedades, culturas, eras e tradições. Séculos e milênios lançam garrafas ao mar do tempo, aguardando leitores futuros que se conectem com suas verdades e dramas. Não é esse o sentido de toda vida humana, cristalizada em nossas formas literárias e discursivas?

No capítulo final de *Marooned in Realtime*, o Apocalipse definitivo é de certa maneira afastado pelo investigador protagonista e há no ar um cheiro de Nova Jerusalém, de Natal e Renascimento. Talvez não por acaso, Vinge pinta esse último cenário com alva e virgem neve.

Estava nevando. Da colina podiam-se ouvir gritos e risadas ocasionais. As pessoas estavam brincando de guerra de bola de neve. [...]
A raça humana teria uma nova chance. Dilip e um monte de outras pessoas realmente pareciam acreditar que era ele[, Brierson,] o responsável por isso. Bem, ele resolvera o caso. Fora sem dúvida o maior de sua carreira. Nem mesmo [seu filho escritor] Billy Brierson imaginara tamanha aventura para o pai. Sem falar que o cara mau, o pior de todos, fora punido. (VINGE, 1986, p. 299)

Enigma resolvido, culpa atribuída e até mesmo uma salomônica pena aplicada (o assassino de Marta é condenado a um isolamento temporal – um olho por olho – ainda pior do que o dela), o Inspetor Brierson, mais que agente de confortos ou de reequilíbrios, é, como podemos ver, um verdadeiro salvador de tudo quanto ri, chora, ama e crê. Uma espécie de cavaleiro andante na forma de detetive; nem clássico, nem apenas de enigma, nem cinicamente *hardboiled*. Uma releitura reumanizada e atual da velha “máquina de raciocinar” a que chamaremos *detetive redentor*.

FARIA, Leonardo Nahoum Pache de. O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 92-113.



3. Considerações finais

Em um artigo intitulado “Adeus às ilusões”, publicado no *O Globo* de 20 de outubro de 2015, Arnaldo Jabor, ao comentar a crise brasileira de então e “o momento histórico gravíssimo [que opõe] os dois tumores gêmeos de nossa doença: a direita do atraso e a esquerda do atraso”, fecha seu texto com uma frase que serve igualmente para definir a ambiência, a conjuntura, na qual o *detetive redentor* se insere e onde ele ganha sua função chave, sua dimensão salvadora-reveladora última: “Chegaremos a uma vida social mais civilizada quando as ilusões chegarem ao ponto zero” (JABOR, *O Globo*, 20 out. 2015, p. 8).

É apenas quando todas as ilusões, quando todas as máscaras e códigos *eufemizadores* da civilização caem por terra, seja com o fim da humanidade por uma pretensa evolução algo mística (caso de *Marooned in Realtime*) ou por um *Moonwalk*⁷ coletivo às cavernas e à barbárie (caso da trilogia *The Last Policeman*); é apenas nesse estágio de completa desesperança que o Homem, redimido pela figura heroica que não deixa que o mais grave crime (o assassinato) se converta em uma banalidade que significaria a irrelevância de todas as altas conquistas e valores positivos do espírito humano, poderá ser preservado do Apocalipse absoluto e persistir em um universo onde a vida social seja, como quer Jabor, de fato civilizada.

Antonio Candido, ao defender o acesso à literatura como um direito universal básico, em seu artigo “Direitos humanos e Literatura”, parece ecoar a cruzada do *detetive redentor* que deixa para trás o *a-literário* racionalismo de Holmes e a desumanidade de *novos romances* e *novos detetives* que não tenham a Pergunta e o Homem como centro. Como diz o teórico, se

⁷ Passo de dança criado pelo dançarino norte-americano Bill Bailey e imortalizado pelo cantor Michael Jackson (1958-2009) no qual o dançarino aparenta andar para trás.

FARIA, Leonardo Nahoum Pache de. O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 92-113.



Leonardo Nahoum Pache de Faria

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza, (CANDIDO, 1989, p. 122).

É preciso manter viva essa chama que não encontraremos, certamente, em uma filosofia de objetos ou de mundos sem História ou de detetives por demais embaraçados em seus dramas e, com isso, despreocupados com sua função de Responder. Henry Palace e Wil Brierson, portanto, talvez sejam exemplos destes novos cavaleiros andantes do Ocidente, deste novos Quixotes agora formatados neste detetive de enigma fundamental que investiga em pleno Fim do Mundo: sem o seu sucesso dedutivo, sem a sua redenção heroica, cairá o Homem, cairão suas obras e suas maravilhosas mentiras a que chamamos ficção. Se a literatura é “o sonho acordado da civilização” (CANDIDO, 1989, p. 112), dependemos dela para sobreviver porque, da mesma forma que não há sono saudável sem os seus momentos oníricos, “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CANDIDO, 1989, p. 112).

Estará o *detetive redentor*, espécie de reação tardia a um pós-modernismo vago e perigoso, que tira o homem do único lugar onde ele possui (algum) sentido, assumindo o papel de Dom Quixote de La Mancha para estes novos tempos? Cedo para dizer, talvez, por muito que, como demonstramos, a importância do mais famoso arquétipo da literatura policial apenas cresça e se torne quase onipresente em boa parte das práticas discursivas da sociedade. A literatura – e seu aspecto comunicador e de comunhão – é uma das facetas daquilo que nos identifica, ou seja, daquilo que nos torna verdadeiramente humanos. Antonio Candido nos diz que a humanização é

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante. (CANDIDO, 1989, p. 117).

Como nas mitologias bíblicas citadas por Gomel, talvez precisemos constantemente, e para nossa própria proteção, (re)humanizar nossa literatura, da mesma



O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial

forma que ela nos humaniza, porque todos os nossos dias, estes nossos dias seculares e concretos, têm a sua semente de Dia do Juízo Final. E não é certo que, como na ficção, nós tenhamos também, para nossa salvação e alívio, o nosso herói certo, infalível; o nosso *detetive redentor*.

Referências

AUDEN, W.H. The Guilty Vicarage. In: WINKS, R.W. (org). *Detective Fiction: a collection of critical essays*. Woodstock: The Countryman Press, 1988.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos e...* Ed. Brasiliense, 1989.

CIXIN, L. *The Three-Body Problem*. Nova York: Tom Doherty, 2014.

CONY, Carlos Heitor. *O ventre*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Vento sudoeste*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GOMEL, Elana. Mystery, Apocalypse and Utopia: The Case of the Ontological Detective Story. In: *Science Fiction Studies*. Vol. 22, No. 3. Los Angeles: University of California Press, 1995.

HOLQUIST, Michael. Whodunit and Other Questions: Metaphysical Detective Stories in Post-War Fiction. In: *New Literary History*, v.3, n.1, Modernism and Postmodernism: Inquiries, Reflections, and Speculations (1971).

JABOR, Arnaldo. *Adeus às ilusões*. O Globo, Rio de Janeiro, 20 out. 2015, 2º Caderno, p. 8.

MR. Holmes. Direção: Bill Condon. BBC Films. Reino Unido, 2015. 104 min. Formato digital.

VERNOR, Vinge. *Marooned in Realtime*. Nova York: Baen Books, 1986.

WEINSTOCK, J.A. Epistemic Thinking, Weird Fiction, and Lovecraft's Blasphemous Knowledge. In: *Vom Suchen, Verstehen und Teilen... Wissen in der Fantastik*. Tübingen, 2015. (Comunicação oral)

FARIA, Leonardo Nahoum Pache de. O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 92-113.



Leonardo Nahoum Pache de Faria

WINTERS, B.H. *The Last Policeman*. Philadelphia: Quirk Books, 2012.

WINTERS, B.H. *Countdown City*. Philadelphia: Quirk Books, 2013.

WINTERS, B.H. *World of Trouble*. Philadelphia: Quirk Books, 2014.

Recebido em: 14/11/2024.

Aceito em: 23/12/2024.

FARIA, Leonardo Nahoum Pache de. O detetive redentor como derradeiro humanista: novas configurações pós-apocalípticas e pós-modernas para o romance policial. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 8, n. 16, Jan.-Jun., 2024, p. 92-113.